

## **Jornalista escreve romance sobre os bastidores da educação no Brasil**

Felipe Pena é conhecido como um jornalista polêmico. Daqueles que não levam desaforo pra casa. Um caso recente que exemplifica o adjetivo aconteceu em novembro de 2007, na véspera da estréia da TV Brasil. Felipe se irritou com a censura da apresentadora Lúcia Leme, no programa Espaço Público, da extinta TVE, onde era comentarista político havia dois anos. No intervalo, Lucia pediu para ele “maneirar” nas críticas ao governo Lula com medo de perder o emprego. Quando começou o último bloco, Pena tirou o microfone de lapela e abandonou a gravação. “O espaço é do público, não do governo”, disse, antes de sair.

Agora, está lançando um livro que promete muito debate. Com um enredo que se passa em uma universidade particular, *O analfabeto que passou no vestibular* é uma ficção jornalística. O leitor é envolvido em uma trama de suspense que, nas entrelinhas, denuncia a decadência do ensino universitário no Brasil. O livro não poderia ser mais atual: milícias, traficantes, polícia, universidades de qualidade duvidosa, grupos estrangeiros inescrupulosos, drogas sintéticas – elementos que ajudam a compor um enredo repleto de reviravoltas e momentos surpreendentes.

Aos 37 anos, este é o primeiro romance do jornalista, que já escreveu oito livros teóricos de comunicação. Seu gosto pela leitura vem de muito cedo. Aprendeu a ler aos quatro anos com o avô, semi-analfabeto e autodidata, que comprava todos os jornais diariamente para ler com o neto. Mas, apesar de hoje ter uma biblioteca de mais de 2 mil exemplares em casa, Felipe diz que não acredita na literatura. Quando fez seu doutorado em letras, aos 30 anos, percebeu que os acadêmicos determinam como deve ser um texto literário, limitando-o a exercícios de linguagem e vaidade, e esquecendo do principal, que é contar uma história.

Assim, Felipe diz que faz ficção, não literatura. Quer apenas contar uma história e gerar reflexões sobre temas ligados ao enredo. Mas, principalmente, contar uma história, chegar até o leitor. Para isso, se baseia em recortes de jornal e os ficcionaliza. Daí o nome de ficção jornalística.

No livro *Teoria do Jornalismo*, de 2005, Pena rompeu com a linguagem chata e hermética dos livros teóricos e escreveu em primeira pessoa, escolha que fez sucesso com os estudantes, mas que lhe rendeu olhares enviesados dos acadêmicos. Depois, facilitou ainda mais chamando seus alunos para escreverem *1000 perguntas sobre jornalismo*.

Na TV Manchete, onde trabalhou de 1995 a 1998, as reportagens de Felipe Pena sempre carregavam o drama humano e geravam polêmicas. Em 1998, para falar sobre a nova lei de transplantes de órgãos, que tornava a todos doadores compulsórios, Felipe contou uma história de amor cujo final trágico (o suicídio de uma esposa, mãe de dois filhos) salvou a vida de quatro crianças.

Em 1997, ficou duas horas ao vivo narrando a invasão da embaixada japonesa pelo exército peruano. Como a imagem vinha da CNN e não havia muitas informações, tinha que improvisar dando aula de história no ar, contando as diferenças entre maoísmo e stalinismo, tendências que dividiam os dois principais grupos guerrilheiros do Peru.

Durante cinco anos, foi sub-reitor de uma universidade particular, tempo que o levou a conhecer a fundo os bastidores da educação brasileira. Depois desse período, passou no concurso da Universidade Federal Fluminense e se dedicou a um de seus maiores prazeres: dar aulas. Atualmente, divide suas funções de professor da graduação e do doutorado da UFF com as de aluno de teoria psicanalítica, além de editor da revista acadêmica *Contracampo*. Acaba de concluir o pós-doutorado em comunicação pela Sorbonne, em Paris.

## **SINOPSE**

Uma estudante de farmácia é baleada no campus de uma universidade durante o intervalo das aulas. O psicanalista Antonio Pastoriza é chamado pelo Reitor para investigar o crime, mas não percebe a participação de um estranho personagem, que é, ao mesmo tempo, analfabeto e universitário.

Atormentado pelas dúvidas sobre os métodos utilizados pela profissão que escolheu, Pastoriza reencontra uma ex-namorada, envolve-se em uma disputa pessoal com o chefe de polícia e se vê no meio da guerra entre milícias e traficantes pelo controle de uma nova droga sintética produzida no laboratório de farmácia da universidade. E ainda precisa descobrir a identidade do misterioso Doutor, um bandido cujo rosto nunca fora visto por ninguém.

No curso das investigações, o psicanalista percebe a decadência do ensino superior no país e a disputa comercial por alunos/clientes entre as instituições privadas, reforçada pela chegada de inescrupulosos investidores estrangeiros, interessados em participar do nosso milionário mercado da educação.

Site pessoal: [www.felipepena.com](http://www.felipepena.com)